

FÁBULA: PROPOSTA DE TRABALHO EM SALA DE AULA

Viviane A N Vieira Yokomizo (PDE-UEL)

vivyokomizo@hotmail.com

1.1 RESUMO

O trabalho aqui proposto sobre gêneros será norteado pelos pressupostos teóricos de Bakhtin e pelo agrupamento sugerido por Dolz e Schneuwly.

As narrativas selecionadas pertencem ao gênero “fábula”. A escolha deste gênero tem como objetivo fornecer ao professor subsídios para promover a valorização da arte de narrar.

O estudo do gênero “fábula” visa proporcionar o desenvolvimento da percepção das intenções do autor considerando que uma narrativa também é explícita ou implicitamente perpassada por uma argumentatividade.

Serão trabalhados, sob a perspectiva Bakhtiniana, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo para compreensão de forma sistematizada, promovendo um aprofundamento e a integração das práticas de leitura, de análise lingüística e de produção/refacção textuais.

A leitura será privilegiada, pois faz-se necessário o desenvolvimento de estratégias que possibilitem ao aluno a compreensão e a percepção das informações implícitas.

1.2 ABSTRACT

The workshop proposed about the genders will be conducted by the supposed Bakhtin's theories and by the group suggested by Dolz and Schneuwly.

The narratives selected belong to the gender “fable”. The choice of this gender has as an objective to supply the teacher with subsidies in order to promote the appreciation of the art of narrating.

The study of the gender “fable” aims to promote the development of the perception from the author's intentions considering that a narrative is also explicit or implicit being passed by an argumentation.

The thematic contents, the composition building and the style for the understanding in a systematized way will be worked under Bakhtiniana's perspective promoting a deep and integrated practice of reading, linguistics analysis and production / textual faction.

The reading will be privileged because it's necessary the development of strategies that enable the student to have the understanding and perception of the implicit information.

1.3 Palavras- chave : gêneros discursivos. Fábulas. Seqüência didática. Esopo. La Fontaine

2.1 .INTRODUÇÃO

O mundo atual caracteriza-se pela rapidez de informações e mudanças veiculadas por meio de textos orais e escritos que circulam nas diferentes esferas da sociedade.

Porém, o ensino da língua portuguesa caracteriza-se, na maioria dos casos, como o ensino de uma gramática descontextualizada e fragmentada, “confunde-se estudar a língua com estudar Gramática” (Geraldi,2003:119). O que nos leva a questionar qual o objetivo do ensino de uma língua “desenvolver no aluno as habilidades de expressão e compreensão de mensagens – o uso da língua – ou o objetivo será o conhecimento do sistema lingüístico – o saber a respeito da língua” (Geraldi,2003:119)

De acordo com as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCEs), o ensino de língua portuguesa tem se pautado “sobretudo no repasse de regras e na mera nomenclatura da gramática tradicional” (p. 20)

A nova visão interacionista do ensino proposta pelas DCEs, sugere que o texto seja um “lugar onde os participantes da interação dialógica se constroem e são construídos” (p.21), devendo ser considerado como unidade de significação e ensino e não apenas como pretexto para extrair formas gramaticais isoladas.

Ao realizar estudos sobre os diferentes textos, verifica-se as características específicas de cada um deles, inserindo-os nos diversos gêneros discursivos, visando as múltiplas situações de interlocução, tornando-os significativos.

A questão da leitura também é problemática, pois nos livros didáticos (na maioria deles) não é trabalhada convenientemente, restringindo-se a atividades de “localize e copie”, ou seja, apenas no nível da decodificação, não penetrando nas “entrelinhas”, não formando verdadeiros leitores capazes de realizar uma leitura satisfatória. Conforme crítica apresentada por Roxane Rojo:

no Brasil, tem-se visto bastante preocupação e discussão a respeito do fato de que as práticas escolares brasileiras tendem a formar leitores, ao final do ensino médio, com apenas as capacidades mais básicas de leitura, ligadas à extração simples de informação de textos relativamente simples (2004:10)

Uma abordagem que privilegie a interação deve utilizar o texto integrando a leitura, análise lingüística e conseqüente produção textual como articulação dos conhecimentos obtidos.

Diante dos problemas apontados na utilização do texto em sala de aula, verifica-se a necessidade de redimensionar o ensino da linguagem como prática social e abordar nessa visão a questão dos gêneros discursivos que , segundo as DCEs “deve orientar a ação pedagógica com a língua, privilegiando o contato real do estudante com a multiplicidade de textos produzidos e que circulam socialmente”(p. 21).

Centrando, portanto, o ensino no texto e na sua dimensão textual-discursiva, o mesmo deixará de ser uma atividade de memorização de regras e conceitos e passará a ser uma atividade de interação.

2. 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino de língua portuguesa é influenciado pela maneira de como o professor concebe a linguagem, pois essa concepção é que estrutura o trabalho em sala de aula. Segundo Geraldi (1984: 42) a resposta para a

questão: “Para que ensinamos”, “envolve tanto uma ‘concepção de linguagem’ quanto uma postura relativamente à educação”.

A linguagem passa a ser vista como forma de interação, local em que os falantes atuam como sujeito, considerando as relações que se constituem entre os sujeitos no momento da fala.

Muitos estudos lingüísticos foram realizados de acordo com a concepção interacionista da linguagem, podendo ser reunidos sob o rótulo de “lingüística da enunciação”. Será aqui enfatizada a visão bakhtiniana da linguagem na perspectiva dialógica que considera os gêneros como elementos organizadores do discurso.

A noção de gênero é uma preocupação constante que vem sendo abordada desde Platão e Aristóteles, porém na Antigüidade, estudavam-se apenas os gêneros retóricos.

Para Bakhtin o uso da língua ocorre em forma de enunciados os quais possuem condições e finalidades específicas ancoradas em três elementos: conteúdo temático (tema abordado), estilo de linguagem (os recursos lingüístico-expressivos do gênero e as marcas enunciativas do produtor do texto) e construção composicional (a estrutura de textos pertencentes a um gênero).

Bakhtin na sua obra “Estética da Criação Verbal”, analisa esta temática como algo imanente a todo discurso. Define assim os gêneros:

cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso “(p 262)

Portanto, todo texto possui propriedades e especificidades intrínsecas capazes de identificá-lo como pertencente a um determinado “campo” de utilização. Caracteriza-se também pelas circunstâncias e situação de produção e de leitura.

No ensino de língua portuguesa é fundamental que o aluno tenha contato com a pluralidade de textos que circulam em distintas esferas de

atividade humana, reconhecendo sua organização temática, composicional e estilística.

Dolz e Schneuwly, sob a ótica da concepção bakhtiniana da linguagem, propõem um agrupamento dos gêneros discursivos pertinente e produtivo para a aplicação em sala de aula. O objetivo de tal agrupamento é o de, além de auxiliar no processo ensino-aprendizagem em função de regularidades, o de definir “as capacidades de linguagem globais em relação às tipologias existentes” (2004, p.59)

2.2.1 OBJETO DE ESTUDO: GÊNERO “FÁBULA”

O estudo do gênero “fábula” tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento da percepção das intenções do autor considerando que uma narrativa também é explícita ou implicitamente permeada por uma argumentatividade.

Serão trabalhados, sob a perspectiva Bakhtiniana, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo para compreensão de forma sistematizada, promovendo um aprofundamento e a integração das práticas de leitura, de análise lingüística e de produção/refacção textuais.

O trabalho aqui proposto pretende despertar também a curiosidade sobre as condições sócio-históricas e composicionais propondo atividades que proporcionem a formulação de noções sobre o gênero em questão.

Serão utilizados também, os conceitos de temas e figuras com o objetivo de estabelecer as relações entre os animais das fábulas e a vida humana.

Perfeito (2005, p.9) reestrutura essa proposta pedagógica da seguinte forma:

- Contexto de produção e relação autor/leitor/texto – observação de aspectos relativos ao/à: autor/enunciador, destinatário, provável objetivo, local e época de publicação e de circulação; exploração: das interferências, das críticas, das emoções suscitadas; criação de

situações – problema e de transformações, veiculadas a efeitos de sentido do texto etc.

- Conteúdo temático – temas que são tratados em textos pertencentes ao gênero em questão.
- Organização geral (construção composicional) – a estrutura, o arranjo textual.
- Marcas lingüísticas e enunciativas – características do gênero (lingüísticas) e do autor (enunciativas), o qual veicula seu texto, fundamentalmente, em determinado gênero (recursos lingüístico – expressivos mobilizados).

2.2.2 SEQÜÊNCIA DIDÁTICA

- . Leitura de várias fábulas de autores variados;
- Análise da fábula “O leão apaixonado”, “O sapo e o boi”, “A cotovia e os filhos” – de acordo com a proposta pedagógica acima mencionada, ou seja, observando o conteúdo temático, construção composicional e marcas lingüístico-enunciativas;
- Esopo e La Fontaine: A raposa e a cegonha: estudo comparativo quanto à estrutura e recursos de linguagem
- Produção textual
- Refacção textual

EXEMPLO DO TRABALHO REALIZADO

Origem das fábulas

Fábulas são histórias curtas que relatam situações do cotidiano freqüentemente através de animais com características humanas e transmitem,

em linguagem simples, mensagens com conselhos, apresentando sempre no final uma “moral da história”.

Inicialmente as fábulas eram produzidas para adultos com o objetivo de aconselhá-los e distraí-los. Era também utilizada para alertar sobre algo que pode acontecer na vida real, para transmitir um ensinamento, para fazer uma crítica, uma ironia, etc.

As fábulas são contadas há aproximadamente 2800 anos e como são de tradição oral, ou seja, passadas de boca em boca, não se sabe quem as criou.

Apesar de tão antigas, seus temas são atuais, pois a maioria delas retrata atitudes humanas como: a disputa entre fortes e fracos, a esperteza de alguns, a gratidão, a bondade, o não ser tolo, etc. Os animais, na maioria das vezes, satirizam o comportamento humano mostrando seus defeitos.

Esopo, escravo grego, é considerado o escritor mais antigo, viveu no século VI a.C. Na época de Esopo, os povos se dividiam em forte e fracos, um povo queria dominar o outro e quando guerreavam os que perdiam eram transformados em escravos ou eram obrigados a pagar impostos ao vencedor. Os escravos, naquele tempo, eram prisioneiros de guerra. Qualquer pessoa do povo vencido podia perder sua liberdade e ser vendida como mercadoria.

ESOPO

Contexto de produção

Esopo foi escravo, dizem que era gago, corcunda e muito miúdo. Era muito inteligente, sábio e esperto.

Utilizava suas fábulas para dar conselhos e de tanto livrar seus senhores de embaraços com sua sabedoria, Esopo conquistou a liberdade. Viajou por outras terras e ganhou grande prestígio com os reis. Em todas as cidades pelas quais passava, era muito considerado, recebendo sempre várias homenagens.

Somente em uma cidade Esopo não foi bem recebido: em Delfos, onde não recebeu nenhuma homenagem. Magoadado, Esopo zombou deles dizendo que nada valiam: comparou-os a varas flutuando no mar – de longe, parecem algo de valor, porém, de perto, nada valem. O povo de Delfos prometeu vingança.

Quando Esopo vivia na Ilha de Samos, um rei de outras terras, chamado Creso, mandou dizer ao povo da ilha que todos deveriam pagar impostos a ele, senão haveria guerra. A maioria da população achou melhor obedecer à ordem.

Consultado, Esopo deu seu conselho, advertindo que um povo só tem dois caminhos a seguir: um, o caminho da liberdade, cheio de lutas no começo, mas prazeroso no final; outro, o da escravidão, fácil no começo (era só pagar os impostos exigidos e ficar livre da guerra), mas difícil depois, porque significaria a perda da liberdade e a exploração cada vez maior; pois teriam de obedecer às ordens do rei para sempre.

Após as palavras de Esopo, o povo de Samos não aceitou o domínio do rei Crês, que inconformado, preparou-se para atacar a ilha. Sabendo, porém, que Esopo lhe daria trabalho, o rei tentou livrar-se dele. Mandou dizer ao povo que eles teriam a liberdade se enviassem Esopo em troca. Os poderosos da ilha acharam conveniente a troca, pois bastava entregar um único homem para evitar uma guerra, mas não perceberam as reais intenções do rei. Porém, as pessoas da ilha não concordaram em entregar Esopo. Mesmo assim, ele resolveu conversar com o rei Creso, que ficou admirado com a sua inteligência e desistiu de invadir a Ilha de Samos.

Apesar de sua história de vitórias e sabedoria, Esopo não teve um final feliz. Foi vítima de uma mentira inventada pelo povo de Delfos. Esconderam na bagagem de Esopo um vaso sagrado da cidade e acusaram-no de tê-lo roubado. Esopo jurou inocência, mas como a peça sagrada foi encontrada no meio de seus pertences, foi tratado como um criminoso, condenado à morte e jogado do alto de um abismo.

As fábulas de Esopo, contadas e readaptadas por seus continuadores, como [Fedro](#), [La Fontaine](#) e outros, tornaram-se parte de nossa linguagem

diária. "Estão verdes", dizemos quando alguém quer alcançar coisas impossíveis - o que é a expressão que a raposa usou quando não conseguiu as uvas... Esopo nunca escreveu suas histórias. Contava-as para o povo, que encarregou-se de repetí-las. Mais de duzentos anos depois da morte de Esopo é que as fábulas foram escritas, e se reuniram às de vários Esopos

Fábula: O leão apaixonado

Certa vez um leão se apaixonou pela filha de um lenhador e foi pedir a mão dela em casamento. O lenhador não ficou muito animado com a idéia de ver a filha com um marido perigoso daqueles e disse ao leão que era muita honra, mas muito obrigado, não queria. O leão se irritou; sentindo o perigo, o homem foi esperto e fingiu que concordava:

- É uma honra, meu senhor. Mas que dentes o senhor tem! Que garras compridas! Qualquer moça ia ficar com medo. Se o senhor quer casar com minha filha, vai ter que arrancar os dentes e cortar as garras.

O leão apaixonado foi correndo fazer o que o outro tinha mandado; depois voltou à casa do pai da moça e repetiu seu pedido de casamento. Mas o lenhador, que já não sentia medo daquele leão manso e desarmado, pegou um pau e tocou o leão para fora de sua casa.

Moral: Quem perde a cabeça por amor sempre acaba mal.

Esopo

Conteúdo temático

A fábula "O leão apaixonado" utiliza-se da figura do leão para apresentar as conseqüências de um amor impossível. Quando alguém ignora seu lado racional ao apaixonar-se, além de perder sua identidade, torna-se submisso.

Organização geral (construção composicional)

- Tempo e espaço não definidos;

- Narrativa curta, apresenta os elementos básicos da narrativa;
- Título chamativo .
- Encerra em si uma linguagem simples, pois dirige-se ao povo;
- Personagens são animais que apresentam comportamento humano;
- Apesar de tratar-se de uma narrativa é permeada por certa argumentatividade;
- Situação problemática, um acontecimento com uma situação de conflito.
- Narrado em 3ª pessoa.

Marcas lingüístico-enunciativas

Nas fábulas de Esopo a indicação de tempo e espaço é vaga e imprecisa para que o ensinamento proposto torne-se atemporal e universal: **Certa vez; depois.**

A fábula “O leão apaixonado” é uma narrativa curta com o predomínio do discurso indireto. O discurso direto aparece apenas na fala do lenhador que após falar ao leão que não o queria como genro, percebeu “o perigo” e simulando respeito e obediência “meu senhor” finge que concorda com o casamento e impõe algumas condições “se o senhor quer casar com minha filha, vai ter que arrancar os dentes e cortar as garras.”

A adjetivação tem papel fundamental para a construção de sentido do texto, pois além de caracterizar os personagens, determinam o conflito e o desfecho da narrativa. Nas construções marido **perigoso**, garras **compridas**, leão **apaixonado**,_leão **manso e desarmado** percebe-se as mudanças ocorridas, ao apaixonar-se passa de um extremo a outro: de perigoso a manso (inofensivo). E o lenhador, da condição de inferior, porém “esperto” e conhecedor da fraqueza do leão, passa a dominar a situação “pegou um pau e tocou o leão para fora de sua casa.”

O substantivo **dentões** traz implícito o adjetivo “grandes”, sugere que são “muito grandes”, escolha lexical que enfatiza a superioridade.

Segundo Brandão, o mundo narrado é marcado pelo pretérito perfeito denotando um distanciamento do narrador em relação ao que é contado **apaixonou, irritou, fingiu, voltou, pediu, tocou.**

O mundo comentado indica uma relação de proximidade com o que se diz e é marcado no texto pelo verbos no presente: “- **É** uma honra, meu senhor. Mas que dentões o senhor **tem!**” e pelo discurso direto.

O operadores argumentativos estabelecem relações de sentidos imprescindíveis à compreensão do texto. No trecho “... disse ao leão que era muita honra, **mas** muito obrigado, não queria.”, a conjunção **mas** introduz uma idéia de contradição em relação à oração anterior e usado com o verbo no pret. Imperfeito, o efeito de sentido obtido foi o de recusar polidamente o pedido do leão, visto que o lenhador dirigia-se a um ser que naquele momento lhe oferecia perigo.

Em “mas que dentões o senhor tem!” o **mas** é utilizado para dar ênfase , realçar. A mesma conjunção **mas** aparece novamente em “Mas o lenhador, que já não sentia medo daquele leão manso e desarmado, pegou um pau...” apresentando também idéia de oposição, porém de maneira implícita, pois refere-se à reação que o lenhador teve diante de um ser **manso e desarmado**, relacionando essa idéia de contradição ao período anterior.

O operador argumentativo **se** na oração “se o senhor quer casar com minha filha”, estabelece uma condição que é o fator determinante do conflito da narrativa. E, para convencer o leão da necessidade “de arrancar os dentes e cortar as garras”, argumenta: “**Qualquer** moça ia ficar com medo.”

No início da fábula, a presença dos artigos indefinidos em **um leão- um lenhador** dá idéia de “ qualquer um , desconhecido”. Porém logo na seqüência faz uso do artigo definido **o** para referir-se aos mesmos personagens, identificando-os como aqueles já mencionados e não outros.

As fábulas são textos figurativos em que as personagens (animais) representam tipos humanos da sociedade.É utilizada a linguagem conotativa com a presença de figuras de linguagem (pedir a mão dela em casamento) como sugere o próprio título, a personificação do leão com uma característica humana **leão apaixonado.**

Abordagem em sala de aula

As sugestões de atividades, procuram integrar as práticas pedagógicas de leitura, de análise lingüística e de produção textual, englobam aspectos referentes à produção; ao tema; ao arranjo composicional e às marcas de linguagem.

O professor deve aprofundar-se no gênero discursivo em foco, na sala de aula, propiciando aos alunos o contato com várias fábulas para que eles possam perceber as características e recorrências do gênero, caracterizando o trabalho como uma seqüência didática chegando à produção textual.

Questões sobre o texto

01. Antes de ler a fábula, o que o título “O leão apaixonado “ sugere?

02. Qual a situação conflito apresentada pelo autor?

03. Quando contamos oralmente para alguém um fato que aconteceu utilizamos, geralmente, o discurso indireto. Só usamos o discurso direto quando queremos enfatizar a fala da personagem. Qual é o estilo usado por Esopo na fábula lida? De quem é a voz apresentada no discurso direto?

04. Na fábula, as expressões que indicam tempo e lugar são vagas e imprecisas para que o ensinamento sirva para qualquer época. Quais as expressões que indicam tempo e lugar no texto?

05. Que tipo de relação existe na frase abaixo, na palavra grifada:

“... disse ao leão que era muita honra, mas muito obrigado, não queria.”

() adição de idéias () contradição

06. Qual é o sentido das palavras em destaque:

“ Se o senhor quer casar com minha filha, vai ter que arrancar os dentes e cortar as garras.”

07. “Qualquer moça” – a palavra qualquer tem uma função na frase. Qual?

08. A locução verbal “vai ter” estabelece:

() uma possibilidade () uma ordem () uma condição

09. O que o aumentativo “dentões” sugere?

10. “Leão manso e desarmado” – são características próprias do leão? Por que ele estava assim?

11. O que aconteceria se o leão não concordasse com as condições impostas pelo pai da moça? Por que ele concordou sem questionar?

12. Qual figura de linguagem aparece na expressão “foi pedir a mão dela em casamento.”

13. Que sentido tem o verbo “correndo” em “foi correndo fazer o que o outro tinha mandado...”

14. Por que no primeiro período da fábula os personagens aparecem precedidos por um artigo indefinido (um) “um leão e um lenhador” e no 2º período, são apresentados pelo artigo definido o “o leão”, “o lenhador” ?

15. Qual é o efeito de sentido que tem o pronome demonstrativo “daquele” no último período do texto?

16. “Mas o lenhador, que já não sentia medo daquele leão manso e desarmado, pegou um pau e tocou o leão para fora de sua casa.”

Se a oração que está entre vírgulas fosse retirada do texto, o sentido permaneceria o mesmo? Por quê?

17 . Comente a moral da fábula. Você concorda?

ESOPO E LA FONTAINE- COMPARAÇÃO

La Fontaine popularizou o gênero fábula no ocidente. Preferia escrever em versos por considerar a poesia uma forma mais atrativa. Apresentava sua obra na corte, transmitindo ensinamentos ou criticando comportamentos. Inspirou-se na obra de Esopo e muitas vezes reescreveu as histórias de seu grande mestre. E, pelo fato de apresentarem diferenças na construção composicional foi necessário realizar um trabalho de comparação da organização das mesmas. A fábula “A Raposa e a cegonha” foi apresentada nas duas versões: a que foi escrita por Esopo, em prosa, e a reescrita por La Fontaine, em versos. Após a leitura, foram realizadas as seguintes atividades:

1. Compare as duas versões e diga quais as semelhanças e diferenças entre elas com relação a aspectos como:

- a) estrutura
- b) recursos de linguagem (estilo, vocabulário, concisão)
- c) características dos personagens
- d) moral (comente-a)

2. E quanto à linguagem? Em qual versão a história é mais facilmente entendida?

3. A fábula que você vai ler foi escrita por La Fontaine em versos. Você deverá fazer uma adaptação escrevendo-a em prosa. Preste atenção na organização do texto e as características do gênero textual “fábula”.

O LOBO E O CORDEIRO

Na límpida corrente de um ribeiro
Mata a sede um cordeiro.
Chega um lobo em jejum que a fome atija,
A farejar carniça.
“Ousas turvar-me as águas, malcriado?”
(Uiva o lobo irritado)

CORDEIRO

“Rogo, senhor, a Vossa Majestade,
E com toda a humildade,
Que não se zangue com seu pobre servo;
Pois, respeitoso, observo
Que embaixo e no declive estou bebendo,
E a água vem descendo.”

LOBO

“Turvas (retruca o bárbaro animal);
Demais, falaste mal,
Há seis meses, de mim.”

CORDEIRO

“Não é verdade;
Conto só três de idade;
Não tinha inda nascido.”

LOBO

“Pois então
Falou um teu irmão.”

CORDEIRO

“Não o tenho”

LOBO

“Foi um dos teus parentes,
Que me têm entre dentes;
E eu vingo-me de vós – cães e pastores,
Que sois tão faladores.”

Disse, e sobre o cordeiro se despenha
E o conduz para a brenha,
Onde o come do mato no recesso,
Sem forma de processo.

Que a razão do mais forte predomina

Esta fábula ensina.

Fábula de La Fontaine, tradução do Barão de Paranaíacaba

4. Qual é a moral da história? Comente-a.

5. Formule uma situação que ocorra no mundo real baseando-se na fábula “O lobo e o cordeiro”.

Produção de texto -

Na época de Esopo (séc. VI a.C) as fábulas eram transmitidas oralmente. Somente com La Fontaine é que foram escritas e perpetuadas. Todas as fábulas foram (e ainda são) usadas para transmitir ensinamentos e valores morais, criticando com sutileza e perspicácia, comportamentos humanos inaceitáveis.

As histórias vêm circulando por muitos lugares em diferentes partes do mundo e conquistando leitores de todas as idades.

Que tal escrever uma fábula baseada em todos os conhecimentos adquiridos sobre este gênero textual e depois formar um livro com as fábulas criadas por toda a turma? Assim, outras pessoas poderão conhecer as suas histórias.

Refacção textual

O processo de refacção textual poderá ser feito individual ou coletivamente para sanar as dificuldades de cada aluno ou problemas recorrentes.

Poderá ser utilizada uma ficha de auto-avaliação para que o aluno possa perceber seus erros antes de entregar a produção ao professor (segue abaixo sugestão da ficha) e passar seu texto a limpo, prática que deverá ser habitual.

Sugestão da ficha de auto-avaliação:

- Escrevi uma fábula com suas características?
- A história contém título, situação inicial, complicação e situação final?
- As idéias estão bem organizadas nos parágrafos?
- Usei adequadamente o discurso direto e indireto?
- A moral está adequada à história?
- As palavras foram escritas de maneira correta?
- E o sentido das palavras usadas? Está adequado com o objetivo da história?

Depois de fazer a auto-avaliação e passar o texto a limpo, faça uma ilustração de sua fábula .

2.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui exposto foi embasado na teoria de Bakhtin sobre gêneros discursivos, considerando o contexto de produção, conteúdo temático, construção composicional e também as marcas lingüístico-enunciativas do gênero escolhido. De posse de todas as informações suscitadas, os alunos demonstraram entrosamento e interesse pelos textos, devido a apropriação das características comuns do gênero .

A seqüência didática aqui apresentada, refere-se ao gênero “fábulas”, porém qualquer gênero pode ser trabalhado dessa forma. E é de extrema importância que os gêneros sejam assim explorados, visando uma maior compreensão das informações e mensagens contidas, ampliação da forma de expressão e percepção da função da gramática atrelada à intencionalidade do autor/falante.

Segundo GERALDI, o ensino de língua portuguesa deve pautar-se na visão interacionista da linguagem, pois:

“estudar a língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam através da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar da forma que fala em determinada situação concreta de interação.” (1984:44)

Portanto, a questão “Para que ensinamos” deve sempre ser retomada, promovendo reflexões sobre a melhor forma de contextualizar o ensino da gramática e proporcionar condições ao falante/aluno de desenvolver sua capacidade de interação e expressão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRANDÃO, Helena Nagamine (Org.) **Os gêneros do discurso na escola**. 4ª ed. São Paulo: Cortez 2003.

ESOPO, **Fábulas de Esopo**. Compilação Russel Ash e Bernard Higon; tradução: Heloisa Jahn – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.

GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

KOCH, Ingedore F. **Desvendando os sentidos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A coesão textual**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990.

PERFEITO, Alba M. **Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa**. In: (Formação de professores EAD nº18) v 1.ed1. p. 27-75 Maringá: EDUEM, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO –SEED. **Diretrizes Curriculares da rede pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Língua Portuguesa.** Curitiba, 2006

SOLÉ, Isabel . **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

www.geocities.com/universodasfabulaslafontaine.com.br

www.gargantadaserpente.com